

REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO EM PAUL RICŒUR

Reflections on the Analysis of Discourse in Paul Ricœur

Caetano da Providência Santos Diniz (UEPA)¹

Danielle do Socorro Castro Moura (UEPA)²

Josiel de Carvalho Gomes (UFPA)³

RESUMO: O presente artigo examina alguns aspectos da fenomenologia hermenêutica de Paul Ricœur, destacando a relevância da linguagem, da narrativa e da interpretação na constituição do sentido. Parte-se do pressuposto de que compreender não equivale à apreensão objetiva de fatos, mas diz respeito a uma possibilidade de ser que se realiza no interior da experiência interpretativa. A linguagem é compreendida como mediação fundamental da experiência humana, cuja abordagem ultrapassa os limites formais da gramática e dos sistemas linguísticos. No pensamento ricoeuriano, o discurso é concebido simultaneamente como evento e significação, o que evidencia a relação dialógica entre autor, texto e leitor. Nesse horizonte, a Análise do Discurso assume o estatuto de exercício filosófico interpretativo, no qual o sentido se constitui na interação entre a obra e seu intérprete. Conclui-se que autor e leitor podem ser considerados parte de um todo complexo no qual o discurso e a interpretação trabalham juntos para a construção de sentidos.

¹ Doutor, Professor do Departamento de Psicologia da Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, Brasil. Email: caetano.diniz@uepa.br

² Mestra em Psicologia, Doutoranda em Comunicação, Cultura e Amazônia, Professora do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade do Estado do Pará. Email: danielle.moura@uepa.br

³ Graduado em Filosofia e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará. Email: josielgomes538@gmail.com

Palavras-chave: hermenêutica; fenomenologia;
linguagem; narrativa.

ABSTRACT: The present article examines some aspects of Paul Ricœur's hermeneutic phenomenology, emphasizing the relevance of language, narrative, and interpretation in the constitution of meaning. Understanding is approached not as the objective apprehension of facts, but as a possibility of being realized within interpretive experience. Language is conceived as a fundamental mediation of human experience, whose analysis exceeds the formal limits of grammar and linguistic systems. In Ricœur's thought, discourse is understood simultaneously as event and meaning, highlighting the dialogical relationship between author, text, and reader. Within this horizon, Discourse Analysis assumes the status of a philosophical interpretive exercise, in which meaning is constituted through the interaction between the work and its interpreter. It is concluded that author and reader may be considered part of a complex whole in which discourse and interpretation work together in the construction of meaning.

Keywords: hermeneutics; phenomenology;
language; narrative.

INTRODUÇÃO

Uma das características da obra de Paul Ricœur é sua capacidade de considerar as contribuições de outros autores, reconhecendo as bases de seu pensamento e, ao mesmo tempo, avançando em direção a uma nova forma de abordá-las. Entre esses autores, podemos destacar Husserl e Heidegger, contextualizando alguns aspectos da sua fenomenologia antes de abordarmos a Análise do Discurso levando em conta a hermenêutica de Paul.

A fenomenologia de Husserl aborda o fenômeno (do grego *phainomai*, relativo a brilhar, aparecer, mostrar, e de *logos* relativo a discurso)

a partir de uma perspectiva que atribui especial destaque à questão da intencionalidade. Husserl (2006) afirma que a intencionalidade, através das *cogitationes* (os modos de consciência: perceber, imaginar, valorar, lembrar, pensar) nos ajudaria a constituir o mundo que conhecemos. Sua relação seria intrínseca à consciência, pois consciência seria sempre consciência de algo. Quando percebemos um objeto, não apenas o recebemos como algo visual, mas como algo real no mundo. A Intencionalidade, além de ter esta ligação imanente à consciência, seria fundamental na Fenomenologia por possibilitar o exercício do método fenomenológico através da *epoché*.

Para Husserl (2008), o fenômeno não é apenas algo exterior, objeto de nossa experiência sensível. A fenomenologia busca descrever racionalmente o que aparece. Trata-se de uma “doutrina universal das essências” (Husserl, 2008, p. 22). A consciência deve ser entendida como consciência *de* e construímos nosso conhecimento num ato intencional que requer necessariamente uma interdependência entre aquele que busca conhecer e aquilo que será por ele desvelado, o que requer uma passagem radical do entendimento tradicional da consciência em si, baseada no ego, para uma consciência *de*, baseada nos fenômenos aos quais ela se dirige.

Aproximar-se do objeto de conhecimento, assim, significa retornar à essência das coisas ao adotar uma atitude de suspensão das concepções pré-elaboradas, dos estereótipos e de padrões preestabelecidos a fim de investigar aquilo que se encontra no ser próprio das coisas como aquilo que elas são. Combatendo a atitude natural típica das ciências tradicionais para as quais as coisas estariam à espera de serem descobertas, parte-se de uma atitude desnaturalizante a fim de que a compreensão não se restrinja à simples percepção de um mundo objetivo anterior ao sujeito (Husserl, 2008).

Faz-se necessário para isso recorrer às reduções fenomenológicas a fim de suspender ou “colocar entre parênteses” (*epoché*) as questões relativas às experiências, a redução eidética. Trata-se de considerar as

coisas sem recorrer aos apriorismos científicos ou filosóficos que possam influenciar *a priori* as formas como lidamos com elas. A *epoché* põe em xeque nossas preconcepções acerca das coisas e caminha em direção à redução fenomenológico-transcendental, sendo essa a que promove a passagem da atitude natural para a atitude fenomenológica. Se na redução eidética capta-se a essência das coisas, na redução transcendental neutralizam-se as intencionalidades ou vivências que possam enviesar a investigação.

A fenomenologia de Husserl teve como uma de suas tarefas resolver a dicotomia entre sujeito e objeto, eliminando o antagonismo entre eles na medida em que consciência e objeto se definem por sua correlação. No caso das ciências humanas, destaca-se a importância do método fenomenológico para a pesquisa qualitativa. Isso ocorre porque por meio da redução fenomenológica é possível acessar a narrativa do colaborador e pela intersubjetividade interpor o sujeito-pesquisador e o sujeito-pesquisado enquanto construtores de sentidos.

Para Heidegger (2014), por sua vez, não se trata de uma atitude, e como tal não se trata de desnaturalizar o mundo no qual estamos indelevelmente ligados. Tentá-lo seria já estarmos posicionados a fim de evitar uma posição. Ele se opõe a qualquer posicionamento alheio à experiência vivida e evidencia sua concepção de mundo vivido enquanto mundo da existência, demonstrando interesse em entender como as categorias lógicas emergem da experiência e de como elas contribuem para fazer da nossa experiência aquilo que ela é. Ainda, para o autor, o que distingue a fenomenologia das ciências tradicionais não é o *que* é investigado, mas sim o *como* é investigado. A expressão fenomenologia significaria, antes de tudo, um conceito de método e “se refere exclusivamente ao modo como se demonstra e se trata o que nesta ciência deve ser tratado” (Heidegger, 2014, p. 74). A caracterização de como as coisas aparecem e de como elas podem ser abordadas pelo indivíduo constitui um todo indissociável sobre o qual a investigação fenomenológica se debruça.

Heidegger concentra-se no caráter ontológico da intencionalidade, segundo o qual só é possível conhecer algo quando se está vinculado a ele,

remetendo-nos diretamente à questão da existência. Para ele, ainda que vinculada à experiência, a intencionalidade não deve ser compreendida enquanto resultado de uma leitura de mundo, ou de uma atitude em relação a ele, e sim, enquanto vivência. Nossa aproximação das coisas implica inevitavelmente um envolvimento. Não podemos esquecer que há “algo no questionamento que fazemos de algo”, de forma que somos tocados por aquilo que queremos conhecer. Não somos totalmente estranhos a nós mesmos. A epistemologia heideggeriana, sem abdicar do intencional, aponta sempre para o vivido, ao ponto de o autor afirmar que devemos chamar de *Dasein* ao ente que cada um de nós é e cujo questionamento é apenas uma das possibilidades de seu próprio ser (Heidegger, 2014).

A investigação fenomenológica não separa a intencionalidade do vivido e nem busca posicionamentos ou atitudes capazes de extrair sentidos da experiência, porém procura perceber o ser que “fala” enquanto ser que não simplesmente “fala de” mas enquanto ser que vive e que é aquilo de que “fala”, o que nos remete a uma hermenêutica que não seja apenas o debruçar-se sobre algo externo ao indivíduo, mas que corresponda a uma autointerpretação. O que está em jogo é a possibilidade do *Dasein* em seu devir e em seu ser para si ao modo de uma compreensão de si mesmo (Heidegger, 2014).

Na hermenêutica, a intencionalidade é importante por estar presente na interpretação e compreensão do texto. Pode-se dizer que há uma dupla intencionalidade na interação com o texto, pois existe o “visar” do autor que escreve e o “visar” do leitor que não é necessariamente o mesmo do autor. Na obra *Teoria da Interpretação*, Ricœur trata da distinção entre mensagem e código, bem como da distinção entre *langue* e *parole*. A primeira seria o conjunto de códigos linguísticos e a segunda uma consequência da primeira, ou seja, a *langue* produz a *parole* num formato de mensagem particular. Dentre as principais diferenças entre ambas, destaca-se a intencionalidade da mensagem. Enquanto o código é anônimo e não intentado, a mensagem, por ser individual e particular, possui intencionalidade (Ricœur, 2017). Segundo Ricœur (2017, p. 14):

Uma mensagem é intencional; é intentada por alguém. O código é anônimo e não intentado. Nesse sentido, é inconsciente, não no sentido em que os impulsos e as tendências são inconscientes segundo a metapsicologia freudiana, mas no sentido de um inconsciente estrutural e cultural não libidinal.

A ANÁLISE DO DISCURSO EM PAUL RICŒUR

Ricœur desenvolve uma fenomenologia hermenêutica (termo de origem grega que significa “interpretar”) definindo-a como “a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos” (Ricœur, 2011, p. 24). Ele afirma que “Ao invés de nos perguntarmos como sabemos, perguntaremos qual o modo de ser desse ser que só existe compreendendo” (Ricœur, 1990, p. 30). O autor propunha uma hermenêutica que não se resume à compreensão do que é dito, pois também o não dito deve ser alvo da atenção do intérprete (Ricœur, 1990).

A Análise do Discurso presente nesse exercício não pode estar baseada apenas nos recursos da linguística, nem compreender a linguagem enquanto um fenômeno ideologicamente neutro. A linguagem, para ele, está além da relação entre os signos, é produção de enunciado significativo. Deve estar baseada em uma compreensão que considere os níveis linguísticos e extralinguísticos, incluindo as condições socio-históricas existentes na trama do texto. O discurso surge como um ponto de interseção entre os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos (Brandão, 2012).

Quanto ao aspecto ideológico, pode-se fazer um contraponto com a tradição marxista a qual compreende ideologia como um mecanismo de distorção da realidade social, agindo como instrumento de poder das classes dominantes. Ricœur não nega a função de justificação dos interesses das classes dominantes, porém não a reduz a essa função. Ele lhe atribui três funções: a de mediação, responsável pela coesão grupal, a de

dominação, que utiliza um sistema de crenças capaz de legitimar uma posição de poder, e a de deformação, na qual as concepções são distorcidas ao adquirirem novos sentidos. O conceito de ideologia não se restringe às relações de dominação, mas se constitui uma concepção de mundo de uma determinada sociedade em determinada época na qual todos os discursos são ideológicos (Ricœur, 1990). Ideologia passa a ser algo que possibilita ao signo e, conseqüentemente, à linguagem, não só a criação de sentidos como também a manipulação de referências, apresentando nuances conforme a intenção dos atores envolvidos. Como afirma Brandão (2012, p. 31): “selecionando, dessa maneira, os elementos da realidade e mudando as formas de articulação do espaço da realidade, a ideologia escamoteia o modo de ser do mundo”.

A interpretação vai além dos registros linguísticos propriamente ditos na medida que reconhece a mensagem construída na base polissêmica do léxico comum (Ricœur, 1990). O processo de interpretação está entremeado pela subjetividade de quem fala, deixando muitas vezes a língua em segundo plano. Ricœur (2017) propõe três níveis do discurso na obra *O Discurso da Ação* que podem estar presentes na análise. O primeiro é conceitual, fundamentalmente categórico e que dá sentido à ação, podendo ser a intenção, o motivo, a escolha etc. O segundo é proposicional e carrega o peso da ação no que está sendo dito, como acontece nos rituais, nas promessas e nas declarações que têm efeito consumatório em códigos socialmente compartilhados, como por, exemplo, o “sim” do casamento. O terceiro, discursivo, encontra-se em um nível mais elevado e consiste na articulação dos acontecimentos e na coordenação estratégica das ações.

Além desses três níveis, e em consonância com a teoria do Speech-Act de Austin (1975) e Searle (1981), Ricœur (2014) aborda os Atos do Discurso que contribuem significativamente para o exercício da interpretação, pois demonstram como o discurso pode ser considerado base para a construção de sentidos, e não a simples expressão de um ponto de vista. Os atos são: o locucionário (ou proposicional), que se refere ao ato de dizer e à mensagem dita pelo sujeito; o ilocucionário, que se refere àquilo que se

faz ao dizer e pode ser um desejo, um pedido, uma promessa, uma ordem etc; e o perlocucionário, que se refere àquilo que provocamos ao falar, gerando sentimentos, impressões e reações no outro.

A consideração desses elementos é importante para uma Análise do Discurso que ultrapasse os enquadramentos linguísticos e caminhe em direção a uma compreensão da linguagem além da comunicação. Por ser uma tarefa complexa, a Análise do Discurso possibilita que diferentes intérpretes possam chegar a diferentes interpretações, sendo relevante apoiar suas inferências com premissas consistentes e referências ao texto e ao contexto.

Na *Teoria da Interpretação*, Ricœur (2017) trata a Análise do Discurso como abordagem teórica voltada à interpretação e à compreensão do significado de textos escritos ou narrados, numa perspectiva hermenêutica que enfatiza a compreensão do texto a partir de um processo de interpretação contínua.

A linguagem, e de maneira mais específica, a língua é reconhecida como uma complexa via de construção de sentidos cuja análise ultrapassa a dimensão da estrutura gramatical e dos códigos linguísticos. O jogo da interpretação considera o contexto cultural, histórico e social em que o discurso foi produzido, bem como as intenções do autor e as interpretações do leitor. Para Ricœur (2017), há uma distância entre discurso escrito e discurso oral. Uma vez que o discurso não se resume à língua, pode-se afirmar que o discurso está para a frase assim como a língua está para a palavra.

Nessa perspectiva, a linguagem é efetuada enquanto discurso e este enquanto evento e significação. Discurso como evento porque algo acontece quando alguém fala. Tal como um evento, o discurso é temporal. Nele, a língua se ultrapassa enquanto sistema atemporal de símbolos e códigos pois ocorre no presente, além de possuir um locutor e de remeter-se a algo ou a alguém. Enquanto significação, o discurso ultrapassa a si mesmo com a finalidade de ser compreendido pois, ainda que se realize enquanto evento, a linguagem em sua intencionalidade produz significações que podem ir além do próprio evento. Como afirma Ricœur (1990, p. 46):

Nesse sentido, só o discurso possui, não somente o mundo, mas o outro, outra pessoa, um interlocutor ao qual se dirige. Neste último sentido, o evento é o fenômeno temporal da troca, o estabelecimento do diálogo, que pode travar-se, prolongar-se ou interromper-se.

Dessa forma, o discurso é efetuado como evento, mas compreendido como sentido (Ricœur, 1990, p. 50). Os sentidos atribuídos pelo sujeito às suas experiências não são o reflexo exato dos fatos, uma vez que “O compreender não se dirige, pois, à apreensão de um fato, mas à de uma possibilidade de ser” (Ricœur, 2011, p. 40). Ricœur avança rumo à uma fenomenologia-hermenêutica que busca superar os pressupostos positivistas sobre a construção do conhecimento pois “A ideia de que existe sentido fora da descrição dos factos e da verificação empírica é uma conquista considerável em relação ao cânone da epistemologia positivista” (Ricœur, 2014, p. 47-48).

Quando fazemos a leitura de um texto passamos a fazer conjecturas acerca da intenção do autor. Pode-se dizer que entre autor e leitor há a natureza da intenção verbal do texto. A experiência psíquica ou física do autor não é comunicada de forma imediata ao leitor. A proposta de Ricœur sugere a importância do diálogo entre o texto e o leitor, permitindo que novos significados surjam a partir dessa interação interpretativa. Enquanto leitores construímos o sentido do texto, mas essas conjecturas precisam ser validadas pela argumentação num processo contínuo que envolve compreender, explicar e compreender de novo. Para Ricœur (2017, p. 112):

A lógica da validação permite-nos girar entre dois limites do dogmatismo e do cepticismo. É sempre possível argumentar a favor de ou contra uma interpretação, confrontar interpretações, arbitrar entre elas e procurar um acordo, mesmo que este acordo fique além do nosso alcance imediato.

Segundo Heleno (2001, p. 166): “interpretação é o nome que Ricœur dá a esse processo que engloba o explicar e o compreender como um todo,

dois estágios diferentes de um arco hermenêutico único”. Assim, não se trata da apropriação de um mundo físico ou psíquico, mas do mundo do texto com o qual o leitor se depara. A interpretação abarca a dialética entre explicação e compreensão não como dicotomia, mas como processos complementares. De acordo com Ricœur (2017, p. 105):

[...] não se deve abordar a polaridade entre explicação e compreensão na leitura em termos dualistas, mas como uma dialética complexa e altamente mediada. O termo interpretação deve, pois, aplicar-se não a um caso particular de compreensão, a das expressões escritas da vida, mas a todo o processo que abarca a explicação e a compreensão. A interpretação enquanto dialética de explicação e compreensão pode, pois, remontar às fases iniciais do comportamento interpretativo já na acção na conversação. E, embora seja verdade que só a escrita e a composição literária proporcionam um pleno desenvolvimento desta dialética, a interpretação não deve referir-se como uma província da compreensão. Não se define por uma espécie de objeto — signos inscritos, no sentido mais geral do termo -, mas por uma espécie de processo: a dinâmica da leitura interpretativa.

O autor, no processo de interpretação, concentra-se no texto escrito e na linguagem ao afirmar que “hermenêutica é interpretação orientada para textos e que estes são, entre outras coisas, exemplos da linguagem escrita” (Ricœur, 2017, p. 41). O texto, considerado discurso fixado, concentra aspectos como o alfabeto, o léxico e a gramática, e o que a escrita fixa não é o evento da fala, mas o seu “dito”. A noção de texto relaciona-se com o discurso ou, precisamente, com uma teoria do discurso. Neste caso, a noção de texto está dentro da teoria do discurso que favorece uma visão mais ampla do que aquela proposta pelo estruturalismo e outras linhas afins.

Também a dinâmica da compreensão à explicação e desta à compreensão constitui-se parte essencial do processo interpretativo da Análise do Discurso. No caso dos textos escritos, o leitor desempenha um papel

fundamental na construção e reconstrução dos sentidos e intenções do autor e, no caso do discurso produzido por aqueles que vivenciaram e testemunharam o evento, o próprio narrador atribui sentidos às suas experiências. O discursar, nesse caso, deixa de ser uma simples “comunicação de fatos”, podendo abrir uma janela de releituras surgidas no próprio ato da comunicação, pois nem tudo o que se está a dizer já estava consolidado enquanto compreensão por parte daquele que narra, uma vez que a narrativa permite reler os acontecimentos e contruir novas formas de interpretá-los (Diniz e Pimentel, 2022).

Compreender não se resume a uma repetição de um discurso desvelado pelo outro, mas produz reconfigurações tendo como base o mundo do texto e da vida com seus respectivos sentidos e referências. Para Ricœur (2017, p. 106): “[...] compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objectivou”.

Essa compreensão hermenêutica possibilita ampliar sentidos, desvelar conteúdos, perceber o não dito e enriquecer os processos de explicação e compreensão, de forma a experienciar mais profundamente o mundo do texto. E as narrativas, permeadas pelos processos de prefiguração, configuração e reconfiguração, oferecem um panorama sobre como autor, texto e leitor constituem partes distintas de um mesmo todo complexo.

Nesse sentido, Ricœur desenvolve o conceito de “tríplice *mimesis*”, explicando-nos que, ao narrar empreendemos uma “*mimesis*”, uma tentativa de imitação do mundo, embora restrita por se tratar de uma descrição aproximada do fenômeno que não reflete a sua totalidade devido à impossibilidade de sua total apreensão, o que não quer dizer que se trate de uma mera “cópia” ou simples “repetição”. Trata-se de um esforço pessoal e criativo de apropriação sobre um recorte da vida em um tempo particular de elaboração (Ricœur, 2010).

A “tríplice *mimesis*” anuncia o intercâmbio das dimensões do passado e do futuro que se atualizam no tempo presente em que a narrativa é construída, havendo três níveis não lineares de imitação ou representação.

A *mimesis* 1 diz respeito ao nível mais básico de imitação, o mundo não narrado ou prefigurado, o qual servirá de referência para a *mimesis* 2, o nível da configuração, do mundo do texto em que a linguagem assume a forma de uma narrativa, estruturando eventos e personagens de forma significativa. A interpretação envolve compreender a organização dos eventos narrados, a construção do enredo, a caracterização dos personagens e a lógica interna da história contada. Na *mimesis* 3, esse mundo do texto será reconfigurado na leitura. A interpretação envolve a compreensão dos símbolos, metáforas, temas e significados subjacentes que permeiam a narrativa. Trata-se da dimensão simbólica do texto, em que os sentidos se desdobram e criam múltiplas camadas interpretação. O intérprete busca compreender como os elementos textuais se relacionam entre si e como constroem sentidos em seus desdobramentos. Ricœur (2010, p. 95) escreve:

Uma hermenêutica, em contrapartida, preocupa-se em reconstruir todo o arco das operações mediante as quais a experiência prática dá a si mesma obras, autores e leitores. Ela não se limita a colocar *mimeses* II entre *mimesis* I e III. Quer caracterizar *mimeses* II por sua função de mediação. A questão é portanto o processo concreto pelo qual a configuração textual faz mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra. Corolariamente, aparecerá no final da análise que o leitor é o operador por excelência que, por seu fazer — a ação de ler-, assume a unidade do percurso de *mimesis* I a *mimesis* III através de *mimesis* II.

Nesse ponto, é possível fazer um contraponto entre os pensamentos ricoeuriano e gadameriano. De acordo com Leão (2016) se por um lado Gadamer, diferentemente de Ricœur, não se foca sobre os textos, por outro lado, assim como Ricœur, ele concorda que o mosaico de signos possibilita o surgimento de múltiplas vozes. Conforme explica Leão (2016, p. 32):

Neste sentido, nosso olhar pode interpretar os sentidos da realidade, nos quais a relação EU-TU não é uma relação instrumental. Pois, pela hermenêutica, é possível avançar para além do texto que está posto e se construir um processo de transformação íntima do ser em relação ao texto que se apresenta aos olhos. É neste campo que podemos analisar a hermenêutica gadameriana: diante das múltiplas vozes que surgem no mosaico de signos, surgem múltiplos textos que geram múltiplas interpretações, que geram múltiplas versões: as leituras dos textos produzem várias vozes, no momento em que cada pessoa pode dar uma visão hermenêutica sobre estes textos.

A narrativa como forma de discurso é caracterizada pela trama responsável por integrar em um todo os episódios e a história. A trama reconfigura em narrativa o que já estava configurado pela língua por meio de uma intrincada rede de conceitos e significados que nos permitem compreender as ações humanas. Segundo Pellauer (2010, p. 100-101): “O que a narrativa faz é tomar tal discurso, já mimético por significar ou ‘figurar’ ação em linguagem, e acrescentar-lhe novas características discursivas que lhe dão novo significado ao torná-lo história de ‘algum feito’”. Para Ricœur, a *mimesis* abre espaço para uma espécie de fenda temporal no que chamamos de realidade, o que se torna necessário para a “criação de novos mundos”, a saber, a produção de novas configurações resultantes de nossa capacidade imaginativa (Matheus, 2021).

A interpretação passa a ser uma tarefa complexa e envolve a sensibilidade para nuances e ambiguidades. A perspectiva de Ricœur destaca a importância de considerá-la como um todo e compreendê-la em um contexto mais amplo, relacionando-a à experiência humana e ao propósito comunicativo do autor. A narrativa situa-se em uma temporalidade que é própria do sujeito e não se subordina a uma sequência de eventos cronológicos objetivos. É a narrativa que torna o ser humano acessível à

experiência do tempo. Como afirma Ricœur (2010, p. 93): “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal”.

A vida humana é, assim, potencialmente narrativa, a própria sensação de tempo é vivida pelo humano em forma de narrativa. O passado, o presente e o futuro são concebidos, sentidos e compreendidos enquanto narrativa, e a *mimesis* redescreve o agir humano na medida que prefigurar, configurar e reconfigurar atualizam a experiência em direção a um porvir que não se resume a um *looping* contínuo de uma eterna volta ao começo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre as contribuições de Ricœur para o campo da Análise do Discurso ajuda a desenvolver uma compreensão de hermenêutica que vai além das estruturas lexicais da língua e aproxima a interpretação do mundo da vida. Percebe-se um constante movimento em direção à produção de sentidos atravessados por signos que ultrapassam uma simples relação entre códigos.

Nesse sentido, a narrativa desempenha um papel fundamental que demarca a contínua passagem entre o mundo prefigurado, o mundo configurado e o mundo reconfigurado, construindo uma ponte entre autor e leitor, permeada pelo contexto histórico e todo o conjunto de ideologias, mudanças culturais e experiências subjetivas aí implicadas.

Analisar um discurso significa, assim, debruçar-se sobre o que o sujeito diz ao falar, e o que o texto revela além das linhas, não tentando desvelar o que está oculto, mas perceber as múltiplas formas pelas quais a linguagem em sua articulação com o mundo vivido consegue dar sentido às experiências humanas.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *How to do thing with words*. 2 ed. Oxford: University Press, 1975.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- DINIZ, C. P. S., PIMENTEL, A. do S. G. Uma proposta metodológica para Análise do Discurso baseada na hermenêutica de Paul Ricœur. *Psicologia em Pesquisa*, v. 16, n. 1, jan-abr, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.29928>. Acesso em 21 jan. 2026.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 9a ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HELENO, J. M. M. *Hermenêutica a ontologia em Paul Ricœur*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.
- HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- LEÃO, R. D. C. Hermenêutica das tradições em Gadamer e a crítica das ideologias de Habermas: um debate sobre a obra *Interpretação e Ideologias* de Paul Ricœur. *Emblemas*, Rev. da Unidade acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, UFG/CAC, v. 13, n. 2, 26-39, jul.-dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/emblemas/article/view/45657>. Acesso em 20 ja. 2026.
- MATHEUS, L. C. Paul Ricœur e a narrativa além do gênero discursivo. *Revista Galáxia*, n. 46, p. 1-16, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202147550>. Acesso em 12 dez. 2025.
- PELLAUER, D. *Compreender Ricœur*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- RICŒUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.
- RICŒUR, P. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RICŒUR, P. *Hermenêutica e ideologias*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- RICŒUR, P. *O discurso da ação*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2014.

RICŒUR, P. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Portugal, Lisboa: Edições 70, 2017.

SEARLE, J. R. *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina, 1981.